

SOBRE OS RITOS DE PASSAGEM E A VIOLENCIA

MIGUEL MARQUES LIMA DE FREITAS¹; JEAN KALEB DA SILVA MALHEIROS²; LAISSA GOMES COELHO³; MATEUS DILELIO ALVES⁴; TIAGO LUZZARDI GUIMARÃES⁵.

EDUARDO FERREIRA DAS NEVES FILHO⁶:

¹Universidade Federal de Pelotas – miguelmarques997@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – klb.kaleb123@gmail.com

³Universidade Federal de Pelotas – laissagomes922@gmail.com

⁴Universidade Federal de Pelotas – mateusdilelioalve@yahoo.com

⁵Universidade Federal de Pelotas – tiagoluzzardiguimaraes@gmail.com

⁶Universidade Federal de Pelotas – eduardofnfilho@yahoo.com.br

1. INTRODUÇÃO

Os ritos de passagem constituem fenômenos antropológicos e sociais universais que, em todas as sociedades, mostram uma mudança decisiva no status social e na identidade do indivíduo que passa pelo tal rito.

De acordo com a formulação clássica de Arnold van Gennep, esses rituais configuram-se por processos dinâmicos que levam o indivíduo de uma condição existencial a para outra, mais elevada. É dito que esse processo tem uma estrutura tríade: a separação, que rompe o laço com o status anterior; a liminaridade, uma fase de "entre-lugares" onde o indivíduo não pertence mais ao seu grupo antigo e ainda nem foi incorporado ao novo, e por fim: A incorporação, que reintegra o indivíduo à sociedade com uma nova identidade.

Central a essa dinâmica é o simbolismo de morte e renascimento, exemplo máximo disso no ocidente é o batismo, que indica não apenas a conclusão de uma fase da vida, mas a completa transformação do ser.

Porém, em um cenário de extrema modernidade, as formas tradicionais desses ritos se fragilizaram e perderam seu propósito comunitário, e a transição construtiva foi, por vezes, corrompida. O presente artigo, possibilitado através do PIBID, relata como foi a experiência de apresentar o conceito de **Ritos de Passagem** na Oficina 'sobre a violência' realizada no Colégio Municipal Pelotense.

2. ATIVIDADES REALIZADAS

A oficina pedagógica, desenvolvida com alunos do Colégio Municipal Pelotense através do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) teve como foco principal da atividade o aprofundamento da compreensão acerca dos ritos de passagem e da gênese da violência, abordando conceitos como **a banalidade do mal** e **as relações líquidas** buscou-se estabelecer um diálogo crítico sobre as manifestações contemporâneas de agressão, travestidas de **ritos de passagem**. O objetivo primário da oficina consistiu em capacitar os alunos a distinguir entre ritos de passagem autênticos e o que foi categorizado como "falsos ritos".

Foi ressaltado aos participantes que ritos de passagem genuínos, embora possam envolver experiências sofríveis e desafiadoras, como nos casos dos povos Mawé da Amazônia, que empregam picadas de formigas-bala como teste de virilidade, ou nas tribos indígenas onde jovens são isolados para demonstrar sua capacidade de sobrevivência, possuem um propósito social e psicológico bem definido: eles constroem virtudes, solidificam a identidade e adquirem significado para o clã e a sociedade. Em contrapartida, os "falsos ritos" configuram manifestações de violência desprovidas de qualquer propósito construtivo, servindo exclusivamente para causar dano, humilhar e desintegrar o indivíduo e a comunidade.

A oficina foi estruturada em momentos distintos para abordar a relação entre *rituais de passagem e a violência*. Inicialmente, abordou-se a fundamentação teórica dos **ritos de passagem** e sua conexão com a gênese da violência e sacrifício, depois houve a exploração do conceito de **banalidade do mal** de Hannah Arendt para contextualizar a violência no cotidiano escolar, e por fim: a análise se concentrou em manifestações contemporâneas de agressão, categorizadas como "falsos ritos", a exemplo do bullying e do cyberbullying, para entender como essa distorção acontece, trouxemos a ideia de **relações líquidas**, de Zygmunt Bauman.

Em uma sociedade onde os laços sociais são frágeis e superficiais, os **ritos de passagem**, que deveriam fortalecer a comunidade, se tornam corruptíveis. Assim, em vez de criarem um novo status ou virtudes, eles se transformam em atos de violência que visam apenas a humilhação e a exclusão, como acontece no bullying. Ele se torna, então, uma espécie de "falso rito", que usa a forma de um "desafio", mas sem qualquer sentido de pertencimento ou crescimento.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A oficina produziu resultados significativos na compreensão da relação entre rituais de passagem e a violência contemporânea. Os alunos assimilaram a diferença entre os rituais que promovem coesão e os "falsos ritos", como bullying e cyberbullying, que causam desintegração social. A discussão sobre a banalidade do mal e as relações líquidas foi fundamental para aprofundar essa crítica. A atividade demonstrou que o conceito de **ritos de passagem** se configura como uma poderosa e necessária ferramenta pedagógica, capacitando os estudantes a analisarem de forma crítica as dinâmicas de agressão em seu cotidiano. A principal lição aprendida, em nossa visão, foi que os desafios de um rito genuíno forjam o caráter, enquanto a violência de um falso rito serve apenas à desintegração. Este projeto, por meio do PIBID, reforça a importância de abordar a filosofia, a psicologia social e a antropologia como ferramentas para se situar no mundo e estar preparado para suas adversidades.

4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ELIADE, M. **O Sagrado e o Profano: a essência das religiões.** Tradução: Rogério Fernandes. São Paulo: Martins Fontes. 1992.

TURNER, V. . **O Processo Ritual: Estrutura e Anti-Estrutura.** Tradução: Nancy Campi de Castro e Ricardo A. Rosenbush. Petrópolis: Vozes, 2008

HUBERT, Henri; MAUSS, Marcel. **Sobre o sacrifício.** Tradução de Paulo Neves. São Paulo: Ubu Editora, 2017.